



Jorge de Sena, “Do Teatro em Portugal”

in *Obras de Jorge de Sena*, Edições 70, 1988, Lisboa

SOBRE TEATRO UNIVERSITÁRIO

Entre nós, as empresas meramente culturais são, *ab initio*, e até pelos seus próprios promotores, votadas ao malogro. As razões são várias, todas elas no fundo nascidas da ignorância e desinteresse em que a crítica irresponsável mantém o público, em obediência a interesses que, por vezes, nada têm de ignorantes. Quando uma iniciativa cultural, apoiada em fundamentos exteriores ao meio teatral, surge, essa mesma crítica aplaude; e, porque não há perigo de concorrência, não se mobilizam contra ela todas as forças possíveis e imaginárias da má-vontade prática. Mobilizam-se, todavia, as da má-vontade teórica, porquanto apresentar clássicos é sempre lembrar ao público que há outro teatro, ou melhor, que há *um teatro* que, de longa data, criou obras-primas, bem diferentes da produção corrente mais ou menos canalha ou sensacional. Esta mobilização é sempre feita em nome da actualidade, do interesse vivo, acoimando-se benevolmente de arqueológicas todas as reposições ou apresentações que pretendam transcender os compadrios estabelecidos. Na questão dos actores é isso mais evidente: tudo o que, de fora do meio teatral, deseje revitalizar os palcos, encontra uma surda oposição que se abriga por detrás do epíteto amável de amadorismo insuportável, logo colado à actividade ressurgente. De modo que nunca é demais repetir que a crise do teatro é, antes de mais, o reflexo de um estado de coisas mais geral, no qual desempenha factor de importância a falta de dignidade profissional e intelectual que impera por toda a parte. Porque não merecem respeito profissional aqueles que, clamando contra a falta de liberdades na sua profissão, tudo fazem para que se mantenha um estado de coisas que lhes permita especular no mercado negro dos talentos disponíveis.

No meio de tudo isto, a função de um teatro de estudantes é bem diferente da dos grupos de amadores. Sem dúvida que uns e outros saboreiam o prazer de mergulhar no teatro, e é segundo ele que agem. Sem dúvida que uns e outros, pela pureza desse amor que sentem pelo teatro (amor diferente da mancebia em que com o teatro vive a maior parte dos profissionais), preferem o grande teatro antigo e moderno, ou aquelas obras modernas, boas ou más, que possibilitarão aos seus autores a saudável experiência de ver o que escreveram, que é a única maneira de profissionalmente se salvarem ou perderem os dramaturgos virtuais. Mas, igualmente sem dúvida, um teatro de estudantes universitários não joga, na roleta do teatro, do palco, da vida cénica, o seu destino. Os seus componentes amam o teatro, a ele se dedicam, a ele poderão sacrificar-se, nele poderão descobrir uma vocação que os faça atirar às urtigas os graus universitários para enveredar pelos árduos caminhos do teatro como ganha-pão. Se assim fizerem, deixarão de poder ser elementos de um teatro universitário, que, portanto, só subsistirá em função da reserva social com que os seus dedicados cultores o pratiquem.

Mas, por outro lado, e por estas mesmas razões, pode um teatro universitário usar daquele prestígio que às universidades ainda cabe, para impor, culturalmente, as virtudes do teatro. Sabido é que as próprias dificuldades com que, entre nós, o teatro luta lhe não permitem aventurar-se em realizações estritamente culturais, sob pena de incorrer nas iras secretas da crítica vigente, enfeudada aos baixos interesses comerciais de bastidores e apartamentos afins. Mas, mesmo que, por milagre de uma boa vontade subitamente descida sobre tantos pseudo-espíritos, o pudesse, muito tempo haveria de passar, e com ele muitos riscos a serem corridos, antes que o público tomasse a sério as aventuras culturais, e se convencesse de que o grande teatro de todos os tempos não é, ao contrário do que sub-repticiamente lhe dizem, de museu.

Cabe, pois, a um teatro universitário dar o tom das ressurreições culturais, segundo os ventos mais actualizados da cultura; cabe-lhe, também, impor, com a sua autoridade, autores novos, julgando representativos, cujas peças podem até não ser, para nós, obras-primas, desde que essas mesmas peças pareçam significativas de tendências artísticas que, no teatro e pelo teatro, urge esclarecer. Tudo isto o teatro universitário pode fazer, com outros resultados teóricos e práticos que o teatro de amadores não atingirá nunca — porque o teatro de amadores abre-se da cultura para a vida, e um teatro universitário abre-se da vida para a cultura.

Não quer isto dizer que teatro universitário, teatro cultural, seja sinónimo de uma fruição espectacular alheia à vida. Não. O que isto significa é que a sua missão se aproxima da da própria entidade cultural que o alimenta e possibilita: estar atento à vida, extrair dela os motivos de reflexão para compreendê-la, e propor bases para a sua criação futura.

De entre vários e mais ou menos ambiciosos grupos teatrantes universitários, tem-se destacado, pela dignidade e por ser verdadeiramente universitário, o teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra. A sua actividade actual e a história dessa actividade são inseparáveis do Prof. Paulo Quintela, que o tem dirigido. Se defeito se deve pôr a tudo que se louve, há que lamentar que as realizações e os espectáculos não sejam mais frequentes e as sessões sejam, quando as tem havido, quase eventuais, sem aquele número de seguidos espectáculos que liberta do ferrete de trabalho para quase um dia o esforço admirável que tal criação significa. Se, para um certo prestígio hierático de seja o que fôr, convém aparecer pouco, para não cair em popularidade que desvirtue a sugestão que se deve criar e impor, também convém aparecer mais vezes — constituir ameaça para os vendilhões do teatro e motivo de nobre consolação para quantos o teatro é a mais alta expressão da sociabilidade de um povo.